

## MAIS UM COMPLICADOR NO ORIENTE MÉDIO\*

---

***Vice-Almirante (Ref<sup>a</sup>) Armando Amorim Ferreira Vidigal***

*O Vice-Almirante (Ref<sup>a</sup>) Armando Amorim Ferreira Vidigal é membro do Conselho do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Escola de Guerra Naval, do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, do Núcleo de Estudos Estratégicos da UNICAMP e do Instituto Brasileiro de Estudos Estratégicos.*

A surpreendente e esmagadora vitória do Hamas nas eleições parlamentares da Autoridade Nacional Palestina (ANP), derrotando o Fatah do presidente Mahmoud Abbas – o partido obteve 74 cadeiras contra 45 do Fatah e 13 de outros partidos menores, o que lhe dá maioria absoluta no Parlamento – enseja algumas considerações.

Sem dúvida, o fenômeno faz parte de um fenômeno maior que envolve a eleição do radical Mahmoud Ahmadinejad para presidente do Irã algum tempo antes. Embora outras razões tenham tido um peso importante – no caso da ANP, a corrupção que caracterizou os 40 anos de predomínio do Fatah, e o desaparecimento da liderança carismática de Yasser Arafat; no caso do Irã, o fracasso das políticas moderadas do presidente anterior Mohamed Khatami em conseguir melhorar as condições de vida da população e promover as reformas políticas necessárias – a vitória dos radicais é, inegavelmente, uma consequência da política dos EUA para a região, ainda mais pró-Israel depois do 11 de setembro de 2001.

Muitos analistas têm comentado a vitória do Hamas. O levantamento das inúmeras análises parece-me essencial para definir uma posição sensata diante do problema.

Para Shaul Mishal, professor da Universidade de Tel Aviv, o Hamas terá de resolver o dilema entre “ideologia e realidade”. Segundo ele, uma das razões da vitória do Hamas foi a sua dedicação, como movimento islâmico, a projetos sociais, para os quais necessita de recursos que só virão se o grupo abdicar de sua postura de não admitir a existência do estado de Israel e se o grupo renunciar ao terrorismo como instrumento para a libertação da Palestina:

***“Vejo o Hamas entrando numa crise de identidade. Seus partidários têm uma forte dose ideológica e religiosa que não combina com a realidade do Oriente Médio (...) se seguirem fiéis à linha dura,***

---

\* Artigo escrito em fevereiro de 2006.

***ficarão isolados do mundo e se começarem a aceitar a existência de Israel, deixarão de ser o verdadeiro Hamas. É preciso um meio-termo.”<sup>1</sup>***

O professor Peter Medding, do Departamento de Ciências Políticas da Universidade Hebraica, de Jerusalém, também acredita que o Hamas terá de assumir uma posição mais moderada se quiser governar:

***“O Hamas tem que decidir se quer continuar a ser um grupo terrorista ou um grupo político, pragmático ou ideológico. Isso é fundamental.”<sup>2</sup>***

Para o professor, há três grandes questões que o Hamas vai enfrentar no governo e tudo vai depender da forma como irá resolvê-las:

- ? sua relação com o presidente Mahamoud Abbas;
- ? sua relação com Israel; e
- ? de onde virá o apoio financeiro.<sup>3</sup>

Também o escritor Sam Bahour<sup>4</sup>, filho de refugiados palestinos e que se diz satisfeito com a vitória do Hamas, acredita que não existe possibilidade de isolamento do Hamas pois, no governo, eles logo compreenderão que não podem se comprometer com atitudes que assumiram quando eram a oposição e, por outro lado, por terem chegado ao poder de forma indiscutivelmente democrática, sua administração não pode deixar de ser reconhecida pelos EUA e por Israel<sup>5</sup>. Diz ele:

***“Há 20 anos, a OLP também era um tabu e os israelenses sequer cogitaram a hipótese de dialogar, mas a política é dinâmica. No fim, a resistência se quebrou e a OLP chegou às mesas de negociação internacional.”<sup>6</sup>***

O chefe da Liga Árabe, Amir Moussa, diz algo semelhante:

***“Não podemos promover a democracia e depois lamentar os resultados da democracia ou nos opor ao resultado das eleições. Se o Hamas vai formar o governo, assumindo autoridade, tendo***

<sup>1</sup> “Opção entre dinheiro e atentados”, Shaul Mishal, entrevista à Renata Malkes, O Globo, 29/01/06.

<sup>2</sup> <http://oglobo.globo.com/online/mundo/plantao/2006/01/26/190087198.asp>

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Autor do livro “Terra natal: histórias orais da Palestina e dos palestinos”. Mora em Israel.

<sup>5</sup> “O Hamas é um tabu a ser quebrado”, Sam Bahour, entrevista a Renata Malkes, O Globo, 29/01/06.

<sup>6</sup> Ibidem.

***responsabilidade para governar, negociar e buscar a paz, é diferente da organização Hamas cujas pessoas estão nas ruas”.***<sup>7</sup>

A respeito, o cronista Zuenir Ventura lembra que

***“... o clima de apreensão de agora lembra um pouco o de há cinco anos, quando Ariel Sharon, o então chamado ‘carniceiro’, foi eleito primeiro-ministro de Israel pelo Likud, partido radical de direita. Previa-se o pior, e muito foi feito nesse sentido, mas Sharon acabou tendo que dar um passo na direção da paz retirando os judeus dos assentamentos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia – apoiado por 70% da opinião pública israelense.”***<sup>8</sup>

Não há, porém, unanimidade a respeito. Para Bassem Eid, diretor do Grupo Palestino de Monitoramento de Direitos Humanos, a vitória do Hamas corresponde a um **“terremoto político”**: o povo palestino, para ele, não teria entendido que levar o Hamas ao poder **“é um desastre”**. Ele explica sua posição dizendo que a vitória do Hamas vai fortalecer o Likud em Israel, o que aumentará a radicalização e levará Israel e a ANP a um conflito sangrento por, pelo menos, 5 anos; somente então os dois estariam em condições de procurar uma solução para o Oriente Médio. Para ele, as possibilidades de o Fatah e o Hamas cooperarem são nulas:

***“Eles são inimigos e você nunca trabalha com seu inimigo. Hamas e Fatah são dos maiores inimigos no Oriente Médio. Nunca veria os dois cooperando um com o outro.”***<sup>9</sup>

Nazmi al-Jubeh, historiador e cientista político da Universidade de Bir-Zelt, perto de Ramallah, julga que o Hamas será forçado a negociar porque não tem alternativa:

***“Um bloqueio total às negociações não seria possível, mesmo pelo Hamas, pois o isolamento poderia significar também o corte da ajuda financeira estrangeira.”***<sup>10</sup>

<sup>7</sup> “Terrorismo político no Oriente Médio”, O Globo, 27/01/06.

<sup>8</sup> “A convivência dos contrários”, Zuenir Ventura, O Globo, 04/02/06.

<sup>9</sup> <http://oglobo.globo.com/online/mundo/plantao/2006/01/26/190087805.aps>

<sup>10</sup> “O Hamas vai se desgastar”, Nazmi al-Jubeh, entrevista a Graça Magalhães-Ruether, O Globo, 28/01/06.

Ele explica a vitória do Hamas, em primeiro lugar pelos erros do Fatah e, em segundo lugar, pelo seu trabalho social com os 70% da população palestina que vive em extrema pobreza; esse trabalho é feito com doações provenientes de muçulmanos do mundo inteiro; ele aponta ainda para a corrupção do Fatah e a retirada dos israelenses da Faixa de Gaza, considerada uma vitória dos radicais palestinos (do Hamas e outros grupos terroristas). Nazmi al-Jubeh conclui dizendo que o Hamas sofrerá um rápido desgaste no governo, como ocorreu com o Fatah, e durará pouco no comando.<sup>11</sup>

Ao analisar as causas da vitória do Hamas, Zvi Bar’el, colunista do jornal Há’aretz, diz que o grupo foi muito cuidadoso durante a campanha eleitoral, apresentando-se principalmente como um movimento nacionalista, evitando dar ênfase ao aspecto religioso do movimento.<sup>12</sup>

Certamente, ao não enfatizar o aspecto religioso, o Hamas levou em conta o receio de uma boa parte dos palestinos de que **“uma era de obscurantismo”** – como ocorreu no Afeganistão durante o regime talibã – pudesse ter início com a vitória do Hamas.<sup>13</sup>

Bar’el diz ainda que

***“... o Hamas será julgado por sua capacidade de manter a estabilidade do cessar-fogo e, antes de tudo, de controlar movimentos como a Jihad Islâmica e as Brigadas dos Mártires de al-Aqsa”.***<sup>14</sup>

O professor de relações internacionais, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Williams da Silva Gonçalves, lembra que o Hamas obteve uma vitória eleitoral expressiva e, portanto, conta com o apoio de uma parcela também expressiva da população e, conseqüentemente, tem legitimidade política. Para ele, o grupo islâmico tem dois caminhos a seguir:

- o primeiro, o de se sobrepor ao Fatah, impedindo que este faça qualquer acordo político;
- o segundo – que para o professor parece o mais lógico – o de procurar fazer os acordos em seus próprios termos, assumindo a liderança das negociações.<sup>15</sup>

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> “Os dilemas do futuro governo”, Zvi Bar’el, O Globo, 28/01/06.

<sup>13</sup> “O medo de uma era de obscurantismo”, Abed Omar Qusini, da Renters, O Globo, 28/01/06.

<sup>14</sup> Zvi Bar’el, op.cit.

<sup>15</sup> <http://oglobo.globo.com/online/mundo/plantao/2006/01/26/190087455.asp>

Afirma ainda o professor Williams que a violência, apontada sempre como a principal característica do Hamas, é uma consequência das circunstâncias difíceis da região e é comparável à praticada pelo estado judeu, embora, diz o professor, este seja ainda mais brutal; segundo ele, como Israel é, no entanto, um estado reconhecido, legítimo, e que exerce a violência usando suas forças armadas, a sua violência não é percebida da mesma maneira que a do Hamas.<sup>16</sup>

É fora de dúvida que se a suspensão do repasse mensal de impostos que Israel recolhe para a ANP ocorrer – cerca de US\$ 55 milhões de que dependem os salários de 140 mil trabalhadores – e for interrompida a ajuda externa americana, as consequências poderão ser catastróficas, mesmo se for mantida a ajuda da União Européia como parece provável. Diante da ameaça de não repasse dos impostos, o porta-voz do Hamas acusou Israel de **“tentar roubar dinheiro palestino”**, o que, convenhamos, não está muito afastado da verdade. O ministro da economia palestina, ligado, portanto, ao Fatah, disse que esta seria uma **“decisão irresponsável e grave”** que teria **“consequências econômicas e sociais negativas”** para os palestinos.<sup>17</sup>

O articulista Andrés Ortega, do diário “El País”, destaca que

***“A chamada comunidade internacional, e sobretudo a União Européia e os Estados Unidos, cometerão um erro grave se cortarem os fundos que davam à ANP e à OLP. Sem eles, os palestinos se asfixiarão e ficarão nas mãos do Irã – que vem acumulando poder e influência devido aos erros dos EUA e de outros – de Damasco ou até mesmo de Caracas (...) Os fundos europeus, se bem usados, podem ser uma alavanca para evitar que o Hamas rompa a trégua, entre numa via mais razoável e Abbas seja fortalecido, desde que não se haja através de agentes corruptos.”***<sup>18</sup>

A posse do novo parlamento palestino, a 18 de fevereiro, simultaneamente em Ramallah e Cidade de Gaza, por meio de videoconferência – devido às restrições impostas por Israel a deslocamentos entre Gaza e a Cisjordânia desde o início da intifada em 2000 e a designação para primeiro-ministro de Ismael Haniyeh, tido como um moderado de atitudes pragmáticas – ele foi chefe de gabinete do líder espiritual do Hamas, xeque Ahmed Yassim, assassinado por Israel há dois anos – encerram a primeira etapa do processo que teve início com a vitória eleitoral do Hamas.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> “Israel anuncia retaliação à vitória do Hamas”, Ahmed Jadallah, da Reuters, O Globo, 01/02/06.

<sup>18</sup> “Curro estaba allí”, Andrés Ortega, “El País”, 13 de febrero de 2006.

O pedido dos EUA à Mahmoud Abbas para que os US\$ 50 milhões dados como ajuda aos palestinos fossem devolvidos é uma indicação de que os Estados Unidos ainda não assimilaram as lições recentes. Javier Solana, chefe da política externa da UE, em reunião com líderes israelenses deixou claro que a União se opõe a um boicote à ANP:

***“Somos a fonte da maior parte do apoio financeiro, econômico e político e apoiamos a ANP também no âmbito da segurança. Quero assinalar que UE nunca abandonará o povo palestino.”***<sup>19</sup>

Como era de esperar, o Hamas voltou-se para o Irã em busca de ajuda financeira. O líder espiritual deste país, o aiatolá Ali Khamenei, em reunião com o enviado do Hamas, declarou:

***“A resistência armada contra a ocupação tem que continuar. Não se deve reconhecer a existência do regime sionista e é preciso exigir a volta dos refugiados palestinos à sua terra. Peço o apoio de todos os países árabes aos palestinos; esta relação vai reforçar o islamismo e influenciar todo o mundo árabe.”***<sup>20</sup>

A vitória do Hamas vai influenciar as eleições previstas para 28 de março em Israel. Com o seu homem forte Ariel Sharon fora de combate, o Kadima, que parecia caminhar para uma vitória tranquila, corre o risco de ser derrotado pelo partido conservador Likud, liderado por Benjamin Netanyahu. A meu ver, isso não parece provável porém.

Segundo Donald Macintyre, articulista do “The Independent”, não há nenhuma clara indicação de que os israelenses pensem que Netanyahu “**é o homem certo para tempos de incerteza**”; pelo contrário, as pesquisas sugerem que a política do Kadima de “**retirada gradual e limitada dos territórios ocupados**” é ainda a preferida pelos eleitores; apesar disso, porém, a hipótese de uma reviravolta não pode ser descartada e, vencendo o Likud as eleições, as conseqüências previstas por Bassem Eid, já aqui comentadas, poderão ocorrer.<sup>21</sup>

Há um aspecto que não pode deixar de ser considerado. O espetacular desempenho do Hamas nas eleições trouxe à discussão a política dos EUA de “**exportação da democracia à força das armas ou da ameaça dos EUA**”

<sup>19</sup> “Parlamento palestino assume sob restrições de Israel ao Hamas”, Mohamed Salem, O Globo, 18/02/06.

<sup>20</sup> “ Hamas pede socorro ao Irã”, Renata Malkes, O Globo, 21/02/06.

<sup>21</sup> “Crise política prova a falta que fazem Arafat e Sharon”, Donald Macintyre, do “The Independent”, O Globo, 29/01/06.

**de utilizá-las, como nos casos recentes do Afeganistão e Iraque” sem antes “fomentar o fortalecimento das sociedades civis, especialmente no Oriente Médio”.**<sup>22</sup>

Para David Makovsky, do “Washington Institute for Near East Policy”:

***“Está muito claro que o governo americano forçou demais a mão ao pressionar Mahmoud Abbas a realizar logo uma eleição, na esperança de que ele passaria a ter controle completo e, então, conseguiria o desarmamento dos radicais.”***<sup>23</sup>

Os formuladores da política dos EUA para o Oriente Médio devem estar lamentando a morte de Arafat, a única personalidade, apesar de todos os seus evidentes defeitos, que tinha carisma para sustentar a hegemonia do Fatah e, em certa medida, para conter os grupos radicais. A negativa dos EUA e de Israel de usá-lo como interlocutor contribuiu, é inegável, para a vitória do Hamas: a intransigência americano-israelense estimulou o radicalismo palestino.

Acredito que o Hamas para governar terá de mudar. Uma análise realista mostra que a vitória do Hamas não foi tanto pelo seu radicalismo mas pelo fracasso da ANP em conseguir avanços de alguma significação no caminho da paz e na melhoria das condições de vida dos palestinos, além do trabalho social por ele desenvolvido com os recursos que recebe dos muçulmanos de todo o mundo (para os EUA dinheiro que alimenta o terrorismo).

O radicalismo na oposição não significa radicalismo no governo. Acabamos de constatar no Brasil este truísmo: o Partido dos Trabalhadores (PT) passou de uma oposição radical à chefia de um governo conservador, muito pouco diferente do que criticava. É verdade que no Oriente Médio, em especial em relação ao conflito entre Israel e palestinos, as circunstâncias são diversas, estando em jogo a sobrevivência de dois estados mas, mesmo assim, se o Hamas continuar apelando para táticas terroristas ele não governará.

Não se pode deixar de considerar que o poder adquirido pelo Hamas não é absoluto face aos poderes conferidos ao presidente palestino. Mahmoud Abbas pode não só propor legislação como vetar qualquer legislação proveniente do Parlamento; como são necessários 88 votos para derrubar seu veto – o Hamas só dispõe de 74 votos (além disso, 9 dos seus deputados estão em prisões em Israel) – há margem para negociação; Abbas pode ainda aceitar ou recusar o

<sup>22</sup> Um novo revés para a doutrina da Casa Branca”, José Meirelles Passos, correspondente de “O Globo”, O Globo, 29/01/06.

<sup>23</sup> Citado por José Meirelles Passos, op.cit.

primeiro-ministro indicado pelo Parlamento como, também, removê-lo do cargo; quando o Parlamento estiver em recesso, cabe ao presidente emitir decretos; cabe, ainda, a ele decretar o estado de emergência; na qualidade de comandante-em-chefe, ele detêm palavra final sobre a Força de Segurança Nacional e o sistema de inteligência.

Há, contudo, um porém nesse argumento: estas medidas foram aprovadas na última sessão do Parlamento anterior à posse dos novos deputados quando o Fatah ainda detinha a maioria da casa. O novo Parlamento, com maioria do Hamas, pode mudar essa situação.

Como diz o ex-presidente americano Jimmy Carter

***“Um acordo negociado é o único caminho para uma solução permanente de dois Estados, fornecendo paz a Israel e justiça aos palestinos. Abbas ainda pode desempenhar esse exclusivo papel de negociador. Tem buscando esse papel e nada impede o diálogo direto com ele, mesmo que o Hamas imediatamente não renuncie à violência e não reconheça o direito de Israel existir.”***<sup>24</sup>

As pesquisas indicam que o voto dado ao Hamas não é um voto de apoio ao terrorismo. Segundo pesquisas recentíssimas, divulgadas pelo jornal palestino “al-Hayat al-Yadida”, 75% dos palestinos que votaram no Hamas se opõem à destruição de Israel e cerca de 84% são a favor de um acordo de paz.<sup>25</sup> Assim, o resultado das eleições foi muito mais uma derrota do Fatah do que uma vitória do Hamas.

Há um fato que tem de ser considerado quando se discute o futuro comportamento do Hamas. Apesar de haver solenemente prometido revidar aos assassinatos seletivos de Israel – em março e abril de 2004, os israelenses tiraram respectivamente a vida do xeque Ahmed Yassim, líder espiritual do Hamas, e de seu substituto Abdel Rantissi – o Hamas preferiu manter o cessar fogo com Israel depois do assassinato de dois de seus principais líderes, o que, sem dúvida, permite que se tenha esperança numa futura – embora não imediata – mudança de atitude do Hamas em relação a Israel. Como o primeiro-ministro indicado pelo Hamas era chefe de gabinete de Yassim na ocasião do assassinato e, mesmo assim, não houve retaliação, pode-se concluir legitimamente que Haniyeh concordou com a manutenção do cessar-fogo.

Uma posição moderada dos EUA e de Israel, usando Abbas como intermediário para as negociações de paz – como proposto por Carter – é o

<sup>24</sup> “Porque os palestinos não devem ser punidos”, Jimmy Carter, O Globo, 21/02/06.

<sup>25</sup> “Voto contraditório”, O Globo, 01/02/06.

único caminho para evitar o agravamento da crise. É uma situação delicada pois EUA e Israel terão de achar um meio termo entre o repúdio a qualquer entendimento e uma posição demasiado conciliatória que dê ao Hamas a impressão que o uso da violência pode dar bons resultados.

Não bastassem a vitória do Hamas nas eleições da ANP; o estado de pré-guerra civil no Iraque, depois do ataque sunita à Mesquita Dourada dos xiitas; a crise gerada entre EUA-Israel e o Irã pelo desenvolvimento nuclear do Irã, as tensões no Oriente Médio foram agravadas pela raivosa reação dos muçulmanos – no Líbano, no Afeganistão, na Indonésia, na Líbia etc – à publicação no jornal dinamarquês “Jylands-Posten” de charges que retratam o profeta Maomé – o que, por si só já é vedado aos crentes muçulmanos – com um turbante com forma de bomba – o que foi considerado pelos seguidores do profeta como um insulto ao Islã, por caracterizá-lo como patrono da violência.

O “choque das civilizações” previsto por Huntington parece se confirmar.

Os violentos protestos em todo o mundo islâmico somente agora – a primeira publicação dos desenhos foi feita em setembro de 2005 – parecem o resultado de uma ação coordenada por alguns grupos muçulmanos mais radicais que usam o acontecimento como uma válvula de escape para milhões de muçulmanos que não se conformam com o atraso do Islã em relação ao ocidente. Um paquistanês especialista no Alcorão diz:

***“... mais do que nunca o Islã está convencido da superioridade de sua cultura e obsecado com a inferioridade de seu poder ...”***<sup>26</sup>

Diferentemente do que aconteceu com as religiões judaico-cristãs, que se modernizaram e tornaram possível o surgimento do capitalismo, o islamismo não se modernizou, impedindo a modernização das sociedades muçulmanas, que se mantêm presas ao passado e, em consequência, são vítimas do atraso econômico.

A grande questão que as charges levantaram é a do dilema entre a liberdade de expressão e a imposição de limites para essa liberdade.

O porta-voz do Departamento de Estado americano expressou bem o dilema:

***“As charges são ofensivas à crença dos muçulmanos. Reconhecemos e respeitamos a liberdade de imprensa e de expressão, mas elas precisam estar casadas com a responsabilidade da imprensa. Incitar***

<sup>26</sup> Citado em “Um país dividido por diferentes visões do Islã”, Pepe Escobar, O Globo, 30/09/01.

***ódios religiosos ou étnicos desta forma não é adequado.***<sup>27</sup>

O historiador Joël Kotek, da universidade de Bruxelas, expõe, a meu ver, o problema com bastante equilíbrio:

***“Dever-se-ia, portanto, as [charges] interditar? Certamente não. Um Estado democrático não pode sequer sonhar em censurar seus caricaturistas; a liberdade de imprensa e de opinião não é negociável. Dever-se-ia, portanto, publicá-las? Como não responder, aqui também, pela negativa? Se é preciso renunciar a toda idéia de censura, isto não significa que se deve também renunciar a toda idéia de limite. Limites devem evidentemente existir, mas eles devem ser fixados apenas pelos próprios profissionais ou pelos tribunais.”***<sup>28</sup>

Não é muito diferente do que preconizou Chirac quando observou que a liberdade de expressão era **“um dos fundamentos da República”**, embora chamando a atenção para a necessidade de **“um grande espírito de responsabilidade, de respeito e de moderação para evitar todo que possa ofender as convicções dos outros”**.<sup>29</sup>

Outros comentaristas deram ênfase ao repúdio à violência das manifestações, inaceitáveis sob todos os aspectos.

A deputada holandesa, de origem somali, Ayaan Hirsi Ali, culpa o radicalismo islâmico pela exacerbação do problema:

***“Eu não quero ofender os sentimentos religiosos, mas não posso me submeter à tirania. Exigir que os homens e as mulheres que não aceitam o ensinamento do Profeta se abstenham de retratá-lo, não é uma exigência de respeito, é uma exigência de submissão.”***<sup>30</sup>

Para ela, a divulgação das caricaturas serviu para mostrar que existe um sentimento de medo entre os escritores, cineastas, cartunistas e jornalistas que pensam em descrever, analisar ou criticar os aspectos intolerantes do

<sup>27</sup> Citado em “Muçulmanos clamam vingança”, Mohamed Torkhoman, da Reuters, O Globo, 04/02/06.

<sup>28</sup> “Pas de censure, mais des limites pour tous!” Joël Kotek. “Le Monde”, 7 février 2006.

<sup>29</sup> “Caricatures: Chirac dénonce les ‘provocations’”, Philippe Goulliaud, “Le Figaro”, 9 février 2006.

<sup>30</sup> “Je suis une dissidente de l’Islam”, Ayaan Hirsi Ali, “Le Monde”, 16 février 2006.

islamismo na Europa. Há, também, diz ela, a presença de uma importante minoria islâmica na Europa que não compreende, ou não está pronta para aceitar, as regras da democracia liberal:

***“Essas pessoas – das quais a maior parte é europeia – fizeram campanha a favor da censura, dos boicotes, da violência e das novas leis proibindo o ‘islamofobismo’ (...) Eu estou aqui para reclamar o direito de ofender dentro dos limites da lei.”***<sup>31</sup>

O pensador brasileiro Olavo de Carvalho também critica acerbamente não só a intransigência do Islã mas, ainda, o fato de boa parte do ocidente, inclusive o Papa, ter protestado mais contra a publicação dos desenhos do que com a violência desencadeada:

***“A imposição da ‘sharia’ como lei obrigatória para toda a espécie humana, com a concomitante supressão de todas as leis religiosas concorrentes, é uma das metas mais óbvias do imperialismo cultural islâmico, ponta de lança do imperialismo político e militar; com a ajuda de praticamente toda a elite ocidental, a luta por esse objetivo alcançou durante esta semana uma vitória formidável.”***<sup>32</sup>

É importante observar que o sentimento europeu em relação aos islamismo não é o mesmo que o existente em países não-europeus, como os EUA. Embora as minorias islâmicas nos diversos países europeus não sejam muito expressivas – 3% da população na Inglaterra, 4% na Dinamarca e cerca de 5% na UE como um todo – os fatos recentes mostram que essas minorias têm a capacidade de movimentar todo o mundo islâmico a seu favor.

Jürgen Gotteschlich, jornalista alemão, afirma:

***“Não se trata mais de uma questão de desprezar um grupo imigrante. Da mesma forma que há heróis da liberdade de expressão na Dinamarca, há também heróis – da Península Arábica ao Norte da África, à Indonésia – que estão prontos a ir para as barricadas para defender a dignidade de seu profeta.”***<sup>33</sup>

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> “O novo Império Mongol”, Olavo de Carvalho, “Diário do Comércio”, 09/02/2006.

<sup>33</sup> Citado em “A dangerous moment for Europe and Islam”, Alan Cowell, “Herald Tribune”, February 8, 2006.

Se por um lado há ressentimento por parte dos muçulmanos de serem tratados como cidadãos de segunda classe e de não terem reconhecida a importância de sua fé, por outro lado muitos europeus acreditam que abrigam em seu meio uma minoria indesejada, que não compartilha seus valores e que pode representar um grupo de potenciais insurgentes já que se vêem como vítimas da “**islamofobia**” discriminados no que diz respeito a habitação, emprego e status social.

O jornal holandês “NRC Handelsblad”, em editorial, expressou o ponto de vista desses europeus:

***“Na América, poucas pessoas temem ter de viver de acordo com as normas do Islã. Nos países europeus, com grande ou crescente minoria islâmica, há um medo real de que por trás da exigência por respeito esconda-se uma outra agenda: o medo de que todos tenham de se ajustar às regras do Islã.”***<sup>34</sup>

No mesmo editorial é dito que nos períodos iniciais da história européia

***“uma pequena disputa religiosa podia levar à guerra de maior ou menor intensidade. A imigração muçulmana traz a Europa de volta ao conflito religioso do passado.”***<sup>35</sup>

A consequência é óbvia e trágica. Janne Haaland, professor norueguês de relações internacionais alerta:

***“Os fundamentos islâmicos e os europeus de extrema direita têm ambos um verdadeiro dom que pode ser usado para provocar um incêndio após o outro.”***<sup>36</sup>

As repercussões desse novo problema sobre a questão palestina são óbvias. O problema do Irã, devido à sua complexidade, merece uma análise à parte. Os prognósticos são incertos, o que me leva a concluir com Zuenir Ventura:

***“No Oriente Médio, só o passado é previsível.”***<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> Zuenir Ventura, op.cit.